

## **O FEMININO ADENTRA A ARENA: MULHERES E A RELAÇÃO COM O AS LUTAS DE GLADIADOR NA ROMA IMPERIAL**

*Renata Senna Garraffoni\**  
*Lorena Pantaleão da Silva\*\**

**Resumo:** O artigo começa por discutir a renovação dos estudos clássicos e as mudanças de abordagens sobre a presença das mulheres nas lutas de gladiadores, no contexto da pós-modernidade. Volta-se, em seguida, para o uso da literatura e Epigrafia para o estudo da História do mundo antigo. Como estudo de caso, o artigo analisa trechos de Juvenal e lápides funerárias no contexto da luta de gladiadores com o intuito de aproximar esses temas tratados separadamente pela historiografia. O artigo conclui-se enfatizando as identidades fluidas e contraditórias.

**Unitermos:** Literatura antiga; Epigrafia; relações de gênero; conflitos sociais.

**Abstract:** The paper starts by discussing the renewal of classics and the new approaches to study the presence of women during gladiators' combats, in the context of postmodernity. It turns then to the issues relating the use of literature and Epigraphy for the historical study of the ancient world. As a case study, the paper focus in Juvenal's *Satires* and gladiators' funerary commemorations (epitaphs) and it aims to study female presence in the Roman arena. The paper concludes by stressing how identities were fluid and rife with conflict during the Roman Empire.

**Keywords:** Ancient literature; Epigraphy; gender relations; social conflicts.

---

\* Professora DEHIS/UFPR. e-mail: resenna93@hotmail.com.

\*\*Mestranda PGHIS/UFPR – Bolsista Capes/Reuni, e-mail: puellalorena@gmail.com

## **Introdução**

Os estudos clássicos, considerados por muitos pesquisadores uma das áreas mais tradicionais dentro da disciplina histórica, vêm apresentando, nos últimos anos, mudanças significativas. Dentre os temas que tem recebido maior destaque citamos os trabalhos sobre as mulheres romanas, com grande quantidade de publicações produzidas, em geral, influenciadas pelos estudos de gênero.

A demora para o desenvolvimento de trabalhos sobre a situação feminina no mundo antigo foi, em diversos momentos, justificada pela falta de fontes para tanto, ou seja, de vestígios textuais elaborados pelas próprias mulheres (FINLEY, 1990), impossibilitando ou restringindo seriamente as pesquisas. Nas raras ocasiões nas quais eram realizadas, conforme apontado por Pantel (1990), as pesquisas se limitavam a examinar os casos das esposas ou filhas de imperadores e membros da aristocracia romana, apresentadas pela historiografia como exemplos de virtude feminina. Logo, análises sobre a relação entre as mulheres romanas e os combates de gladiadores durante o período imperial, como a que aqui será apresentada, são possíveis há pouco tempo, graças a mudanças teóricas e a valorização da interdisciplinaridade (FUNARI, 1995; FEITOSA, 2005).

A interdisciplinaridade que destacamos não se restringe ao diálogo da História com uma única disciplina, mas com duas, Literatura e Arqueologia, configurando aquilo que os britânicos chamam de ‘Classics’. No campo literário há algumas obras pouco exploradas pelos historiadores que apresentam uma grande quantidade de figuras femininas e são marcadas pelo cômico (CARDOSO, 2003). Durante muito tempo considerado um gênero “menor”, atualmente, estudiosos defendem sua relevância, uma vez que apresentariam mais dados sobre a vida cotidiana e, conseqüentemente, sobre as mulheres. No entanto, devido a sua especificidade, a de provocar o riso, sua leitura exige alguns cuidados particulares por parte do historiador ao desenvolver sua interpretação.

No que concerne a cultura material, observamos tanto na Europa como no Brasil, nos últimos anos, uma grande quantidade de trabalhos elaborados levando em consideração temas como gênero e sexualidade, os quais acabam por abordar, também, a situação feminina na Roma antiga (FEITOSA, 2005; CAVICHIOLLI, 2003). Além dos relatos textuais satíricos, que oferecem uma visão da elite romana, a cultura material nos proporciona a possibilidade única de acessar vestígios elaborados por grupos exonerados da escrita no império romano e, por conseguinte, dos estudos históricos.

Pensando nestas questões iremos apresentar aqui um estudo que busca um diálogo interdisciplinar, entre a história, os estudos literários e a Epigrafia, ramo da arqueologia clássica, visando compreender um pouco melhor a relação entre as

mulheres e o mundo dos gladiadores e dos jogos romanos. Essa reflexão se originou a partir do fato de encontrarmos pontos de convergências entre nossas pesquisas e procuramos sistematizar alguns aspectos que nos pareceram mais relevantes. Trata-se de um estudo preliminar que estamos realizando na Universidade Federal do Paraná com o intuito de aproximar essas duas esferas do cotidiano romano que, geralmente, são entendidas como separadas. Nesse sentido, a escolha do tema, a presença feminina nos jogos gladiatórios não foi fortuita, mas intencional, pois buscamos discutir a possibilidade de construir abordagens alternativas que envolvessem as mulheres e os combates no início do Império romano. Pelo fato de tratarmos universos documentais distintos, apresentaremos, inicialmente, as reflexões epistemológicas que pautam nossa abordagem para, em seguida, tecermos algumas considerações sobre o estudo de obras satíricas, assim como o autor e o texto proposto para análise, a sátira VI da obra *Sátiras* de Juvenal. Por fim, apontaremos considerações sobre as inscrições e discutiremos uma categoria especial, as lápides funerárias que remetem ao universo das lutas de gladiadores. A idéia central dessa reflexão é, portanto, estabelecer um diálogo entre estes discursos distintos, intencionado vislumbrar novas possibilidades teóricas e metodológicas de compreensão de como se davam as relações entre o universo feminino e os espetáculos durante o início do Império Romano, aspecto pouco explorado tanto entre os estudiosos de temas relacionados às mulheres como por aqueles que se dedicaram a estudar os combates.

## 1 Mulheres, gladiadores e historiografia

As lutas de gladiadores sempre se apresentaram como um fenômeno polêmico diante dos estudiosos do mundo clássico. Desde o século XIX classicistas tentam compreender este fenômeno e várias teorias foram propostas para explicar este tipo tão particular de espetáculo. Talvez a interpretação mais conhecida seja a idéia da “plebe ociosa” que vivia de pão e circo. Junto a ela, a teoria da Romanização, pela qual os anfiteatros eram entendidos como símbolos do poder romano, também dominou por décadas os cenários interpretativos dos combates. Nascidas em contextos colonialistas do século XIX, estas duas interpretações ainda seguem com vida, seja na mídia, seja em publicações acadêmicas relativamente recentes<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Para as interpretações do século XIX, cf. Mommsen 1983; Friedländer 1947. Durante o século XX destacamos: Carcopino, 1990; Grimal, 1981; Mancioli, 1987; Robert, 1995; Potter e Mattingly, 1999. Para novas abordagens sobre a teoria da Romanização e combates de gladiadores, cf., por exemplo: Gunderson, 1996; Futrel, 1997; Golvin 1988.

Na década de 1960, ou seja, após II Guerra Mundial, foi somada à noção de “plebe ociosa” a questão da violência implícita nos espetáculos, pouco comentada até então (GARRAFFONI, 2005). Esta nova possibilidade de análise difundiu outro conceito que, aos poucos, tornou-se bastante comum na historiografia sobre os combates: a idéia na qual as arquibancadas romanas eram freqüentadas por uma população pobre, desocupada, fascinada por espetáculos sangrentos, uma clara reação a historiografia anterior. Esses discursos foram muito criticados após nos anos 1970. Veyne (1990), por exemplo, discutiu os espetáculos a partir de uma perspectiva crítica, pois ao invés de considerar a plebe romana uma massa apolítica e violenta, argumentou que o anfiteatro era um lugar onde povo e imperador se defrontavam e lutavam por seus interesses.

Seu modelo interpretativo, baseado em uma perspectiva sociológica, permitiu uma nova explicação da arena romana, na qual o anfiteatro seria um local em que ocorreria o contato com a ideologia dominante e os jogos de poder implícitos. Neste sentido, embora Veyne tenha descrito o ambiente do anfiteatro como monolítico, o fato de o estudioso destacar os interesses da elite e da plebe fez com que muitos classicistas, estrangeiros e brasileiros, adotassem esta perspectiva de análise (WEEBER, 1994; WIEDEMANN, 1995; GUNDERSON, 1996; ALMEIDA, 2000; CORASSIN, 2000).

Durante os anos de 1980 e 1990, muitos estudiosos optaram por desenvolver o modelo proposto por Veyne e, embora a grande maioria aceitasse seus pressupostos, houve aqueles que expandiram o campo de compreensão deste fenômeno, destacando não somente suas implicações políticas, como também enfatizaram seus significados culturais. Neste contexto, ocorreu um deslocamento do foco de atenção e a ênfase no contexto histórico em que os combates ocorriam, isto é, uma sociedade escravista, altamente militarizada, passou a ter um importante peso nos argumentos desenvolvidos (BARTON, 1993; FUTREL, 1997; HOPKINS, 1983; PLASS, 1995; WISTRAND, 1990; 1992).

Apesar da particularidade de cada estudo, grande parte destes autores ressaltou o valor pedagógico dos combates de gladiadores. As arenas romanas tornaram-se, então, um local simbólico em que valores como masculinidade, bravura, força, disciplina e punição aos crimes eram expostos e reafirmados.

Embora tenhamos resumido aqui um debate historiográfico muito mais complexo, optamos por fazer isso ressaltar uma característica comum entre os estudos que se referem aos combates de gladiadores: em sua grande maioria as interpretações estão fundadas em aspectos políticos ou econômicos, dispensando pouca atenção aos aspectos culturais ou religiosos que tais combates envolviam. Na tentativa de dar uma explicação aceitável para os padrões modernos, estudiosos criaram modelos interpretativos amplos, que abordam facetas da sociedade romana, mas pouco

discutem as concepções ou anseios das pessoas que nele estavam envolvidos. Assim, na tentativa de explicar racionalmente um fenômeno particular que envolve violência física, os estudiosos deixaram de lado as pessoas comuns como os próprios gladiadores, pouco mencionados nesses textos e, quando por ventura o fizeram, dificilmente citaram a presença das mulheres, crianças ou idosos, explicando a arena como um lugar primordialmente masculino e adulto.

Do ponto de vista teórico é possível explicar essa situação a partir das considerações de Richard Hingley (2005). Embora o autor não estude os gladiadores e sim apresente uma ampla crítica à teoria da Romanização, Hingley destaca um ponto fundamental para nossa abordagem: o Império romano foi construído, entre os estudiosos modernos, como um discurso feito a partir do ponto de vista masculino de uma determinada elite romana. Ou seja, Hingley destaca que, mesmo com o avanço dos estudos clássicos e a discussão de diferentes tipos de identidades, a visão masculina de Roma não foi desafiada e, conseqüentemente, a ênfase no poder masculino da elite inibe a percepção tanto das diversas formas de masculinidades como a presença feminina.

Hingley não desenvolve uma análise de Gênero em seu trabalho, pois sua preocupação está em estudar as relações romano/nativo, mas nos ajuda a buscar uma forma mais balanceada de entender o Império Romano. Como um estudioso voltado às análises construídas a partir do pensamento pós-moderno, Hingley nos desafia a criar interpretações menos normativas acerca do mundo romano. Assim, inspiradas por Hingley e motivadas pela possibilidade de trazer para o discurso acadêmico sujeitos muitas vezes invisíveis na historiografia, optamos por focar nos gladiadores e nas mulheres que com eles de alguma forma se relacionaram, na tentativa de colaborar para a construção de modelos interpretativos menos excludentes sobre o passado romano.

Por se tratar de um trabalho pouco convencional, optamos por discutir duas categorias documentais distintas: uma sátira de Juvenal e lápides funerárias encontradas em Roma no mesmo período da escrita do texto. Como buscamos destacar desejos e sensibilidades nem sempre visíveis na historiografia a documentação mencionada é muito instigante, pois de um lado temos uma sátira moralista e, de outro, epitáfios que indicam como pessoas infames construíam suas relações e buscavam o conforto mútuo. Por se tratar de um estudo de caso, não utilizamos uma ampla quantidade de dados, mas buscamos contrapor os discursos distintos, de um satirista e da preservação de memórias, para provocar novas possibilidades de leituras e repensarmos nossas noções de Império Romano, violência e relações de gênero.

## 2 O riso em Roma

Como mencionamos a pouco, ao fazermos um breve levantamento acerca das produções de historiadores acerca do Império Romano, percebemos que há um predomínio de estudos no campo da política, das guerras e conquistas ou da economia. Essa tradição de estudos acabou por estabelecer os parâmetros daquilo que deveria ser o Império Romano, circunscrevendo-o em um mundo masculino e das elites letradas. Essa situação provocou uma série de silenciamentos, seja da população das camadas menos favorecidas, assim como das mulheres. O que observamos nesses estudos sobre o mundo clássico é uma idealização do cidadão romano em geral, representado como extremamente sério contrapondo-se a uma plebe que permanece nos anfiteatros, imersa em práticas obscenas. Creditamos em parte a construção deste perfil ao fato de, por um extenso período, estudiosos do mundo romano se apropriaram de um suposto “legado” romano para a legitimação de determinadas condutas imperialistas e/ou totalitaristas ao longo dos séculos XIX e XX (HINGLEY, 2010; SILVA, 2007). Neste sentido, devido ao caráter tradicionalista e elitista que vigorou décadas nos estudos clássicos obras que destoassem do ideal de virtude e seriedade romanas foram menos estudadas ou ainda relegadas a nichos acessíveis apenas a especialistas.

Esta configuração foi favorecida, conforme apontado em um estudo acerca do riso latino por Minois (2003), pelo fato de que, mesmo os textos mais cômicos foram traduzidos, muitas vezes, em estilo grandiloquente e retórico, renegando a presença constante do riso na sociedade romana e sua função como uma ferramenta para a manutenção da moral. Observamos esta figuração do humor no mundo romano, em diversos autores, conforme apontado por Graff (2000). Segundo este estudioso, o humor serviria como uma possibilidade de estabelecer uma crítica entre iguais, ou seja, permitira que os membros da elite romana criticassem seus pares sem ofender o interlocutor, constituído, assim, um aspecto da retórica, utilizada por autores como Cícero, por exemplo.

Destacamos tais fatos porque, dentre as obras remanescentes do mundo romano, encontramos muitas que foram elaboradas com ênfase na comicidade e que apresentam inúmeros aspectos da vida cotidiana, mas foram pouco estudadas no campo da historiografia. Devido a sua especificidade humorística, muitos defenderam que não eram dignas de credibilidade devido aos exageros e omissões ou, entre os que se aproximaram delas, acabaram por transformá-las em reflexo imediato da realidade, tornando mulheres ou as camadas populares estereotipadas e carregadas de conotações negativas (GARRAFFONI, 2002). Considerando as mudanças epistemológicas apontadas e a partir de uma problematização específica das obras em questão pelo historiador, é possível pensar sobre aspectos sociais e culturais romanos pouco estudados. É por esse motivo que apresentamos algumas considerações sobre o estilo satírico que permeia o texto aqui analisado.

### 3 Juvenal e as Sátiras

O estilo escolhido por Juvenal, a sátira, é marcado por características específicas, em sua maioria estabelecidas por Lucílio, poeta fundador deste gênero literário, em especial no que diz respeito à métrica, tema, apresentação e linguagem. Mais do que a simples cópia dos preceptores, na Antiguidade a inserção em um gênero se dava, por um lado, por meio do respeito aos caracteres específicos do mesmo e, por outro, expressava o elogio e admiração ao poeta que estava servindo como inspiração. Elaborada em versos, tendo como tema a moral e a educação, o texto satírico tinha o intuito de ser recitado em voz alta. (BRAUND, 1996)

Sobre a vida de Juvenal não possuímos muitos dados e suas biografias mais antigas remontam ao século IV d.C., portanto, foram escritas em um período bastante distanciado daquele no qual o autor viveu (segunda metade do século I e início do século II d.C.). A partir da análise de fatos citados em sua obra aponta-se que a escrita da mesma tem início em torno de 96 d.C. Sabemos também que é provável que Juvenal seja proveniente de uma família próspera (Comte 1994) e que teria tido acesso à educação e ao estudo da retórica, mas sem meios para se manter na vida adulta, fora obrigado a se submeter a relações de clientelismo como Marcial (autor que cita Juvenal em seus epigramas). Tendo alcançado pouca expressão literária durante os séculos II e III, d.C. obteve maior êxito a partir do século IV e durante todo período medieval, provavelmente devido à ironia e ao tom moralizador da escrita satírica, motivos que favoreceram a reprodução de seus escritos a partir da Antiguidade Tardia.

A obra de Juvenal é composta de dezesseis sátiras com temas diversos. Suas múltiplas abordagens incluem uma miríade de temas, desde questões políticas até dados corriqueiros da vida cotidiana, além da situação dos poetas ou ainda das dificuldades dos membros de grupos populares no mundo romano. Essa diversidade permite que, atualmente, se desenvolvam diversas pesquisas a partir destes textos, por exemplo, o trabalho de Cubillos Poblete (2004) acerca dos grupos marginalizados no mundo romano.

Dentre essas dezesseis sátiras, uma em especial, a Sexta, nos interessa nessa ocasião. Nessa sátira o autor propõe como tema principal a questão se um homem deveria ou não se casar, expondo para tanto uma grande quantidade personagens femininas em situações diversas. Assim, ainda que seja um texto que apresenta uma visão proveniente de um homem próximo às elites romanas, ele nos permite algumas aproximações com o universo feminino do período imperial.

Esta sátira é iniciada com a citação de um exemplo nostálgico pertencente ao período no qual Saturno ainda governava a Terra, ou seja, um claro retorno a um passado mítico. Segundo o autor, as mulheres atenderiam a exigentes padrões

morais e éticos, apresentando um comportamento simples. Em contraponto a esta primeira imagem apresentada a sua audiência, Juvenal apresenta nos versos seguintes críticas ao comportamento feminino, apontando que, no presente relatado por ele, existe uma dificuldade tão grande em se encontrar esposa nobre e honesta que, caso ocorresse, o felizardo deveria subir em prece ao Capitólio.

Essa estrutura de contrapor presente e passado faz com que o leitor perceba as diferenças entre as mulheres narradas e, também, permite a Juvenal exagerar e formar caricaturas de comportamentos que seguramente provocariam o riso. Há uma diversidade de críticas ao longo dessa sátira, muitas delas bastante ácidas, mas é interessante notar que são constantes a um grupo específico, ou seja, seu alvo preferencial são as matronas romanas. Desta forma, destacamos que o autor não aponta suas observações satíricas para toda a sociedade, mas visa, por meio das críticas aos comportamentos femininos, atingir aos membros das elites romanas. Nesse sentido, destacamos que há vários momentos em que isso ocorre, mas para essa ocasião acreditamos ser proveitosa a análise de trechos nos quais há uma relação entre a presença feminina e os espetáculos romanos, pois em diferentes partes da Sátira VI Juvenal recorre aos gladiadores para degradar a moral das matronas.

A razão por essa escolha não é aleatória, mas sim um desdobramento de nossas pesquisas, como comentamos inicialmente. Em diversas ocasiões notamos que os espetáculos públicos são estudados a partir do masculino e a figura feminina se encontra pouco presente. Juvenal aponta, em distintos momentos, esse entrecruzamento de mundos, pouco familiar aos estudiosos das lutas de gladiadores. No entanto, é importante destacar que não se trata de afirmar que o narrado por Juvenal era o comportamento padrão das matronas, ou seja, não propomos tratar a obra de Juvenal como reflexo da realidade, mas ao contrário, entender como os gladiadores aparecem em diferentes circunstâncias ao lado dessas mulheres enquanto uma construção discursiva que pretendia ironizar a sociedade romana daquele período.

No caso específico que vamos comentar a seguir, o gladiador deve ser entendido como figura de linguagem para depreciar aqueles com os quais se relacionam, em especial a matrona. Tomar gladiadores ou ladrões como figura retórica para atacar membros das elites romanas é uma prática que aparece tanto em sátiras como em textos de cunho político. Habinek (1998) chama atenção para esse aspecto nos discursos de Cícero, pois de acordo com este classicista, Cícero utilizava uma série de termos, repetidos em diferentes momentos, nos quais incluía *seruus*, *latro* e *gladiator* para rebaixar inimigos políticos como Verres e Catilina. Garraffoni, por sua vez, destaca um fenômeno semelhante na obra de Suetônio, pois o autor critica ou exalta a memória dos imperadores a partir de relações bastante específicas com os gladiadores ou com os espetáculos públicos (Garraffoni 2001;



2007). Estes exemplos são constituídos por técnicas narrativas diversas da sátira de Juvenal, mas quando vistos em conjunto sob esse prisma do lugar da figura do gladiador no discurso, podem nos fornecer indícios para repensarmos a concepção dos combates em alguns textos romanos. Ao contrapor o gladiador da literatura satírica de Juvenal com a matrona buscamos romper interpretações de uma historiografia normativa que define gladiadores e mulheres como pertencentes a universos distintos ou meros reflexos imediatos dos textos e, especialmente, buscamos trazer novas visões acerca da construção de um ideal de feminilidade no mundo antigo.

#### 4 As Mulheres e os espetáculos

Ao criar um panorama sobre a situação feminina na Roma antiga, Juvenal descreve casos nos quais as mulheres estão de alguma forma associadas ao mundo dos espetáculos. Dentre estes destacamos dois: o primeiro é a citação do autor de uma matrona que tem um gladiador como amante e, em seguida, analisaremos as críticas impostas por Juvenal às mulheres que aderem as práticas gladiatórias.

A primeira narrativa nos apresenta Épia, uma matrona romana, esposa de um senador, descrita como sendo proveniente de uma família rica (*in magnis opibus plumaque paterna* VI-88). No entanto, embora tivesse um bom marido, Épia acaba por manter um relacionamento com um gladiador, abandonando esposo e filhos para segui-lo. Aproveitando-se da contraposição cômica entre um senador e o gladiador, ao longo do trecho o autor aponta como as mulheres romanas teriam dificuldade em seguir o esposo, mas para satisfazer o amante seriam capazes de realizar grandes sacrifícios, ainda que este pertencesse aos grupos marginais da sociedade.

Destacamos que ao descrever o amante de Épia, Juvenal o caracteriza de forma bastante peculiar, afirmando que ele ainda começava a ter barba no pescoço (*radere guttur coeperat* VI, 105-106), que perdendo o braço esperava pela aposentadoria (*secto requiem sperare lacerto*), possuía diversas deformidades no rosto (*multa in facie deformia*), entre elas uma enorme fenda no centro do rosto aberta pelo contato constante com o elmo (*attritus galea mediisque in naribus ingens gibbus*) e, finalmente, seus olhos sempre lacrimejavam ardorosamente (*acre malum semper stillantis ocelli*). No entanto, por ser um gladiador, aos olhos da matrona parecia mais belo que Jacinto, impúbere de grande beleza pelo qual o deus Apolo se apaixonou e o homenageou após sua morte criando, a partir de seu sangue, a flor de mesmo nome.

A ênfase na contraposição da descrição pejorativa deste personagem em relação à paixão feminina que ele desperta e, posteriormente, à imagem de Jacinto, aponta

que, para além da imagem comumente apresentada acerca dos gladiadores romanos, de infames, estes se comunicariam de outras formas com a elite romana. Ao finalizar questionando se o leitor se espanta com este caso em particular o autor nos leva a pensar que as paixões despertadas por estes gladiadores poderiam ser comuns.

Enfatizamos que dois pontos nos chamam atenção na descrição do gladiador: a descaracterização física do gladiador e a relação entre ele e o marido da matrona. Em primeiro lugar, ressaltamos que embora Juvenal apresente o amante com nome próprio, Sérgio, este relacionado à Épia como um estereótipo, ou seja, ela se apaixona não pelo homem, mas pela profissão deste, tanto que chega a afirmar na narrativa que, ao perder a profissão, não interessaria mais a matrona, pois sua busca é o gládio, (*ferrum est quod amant* VI, 112). Esta relação da comicidade com os estereótipos é discutida por Bergson, pois em seu estudo clássico sobre o riso afirma que a rigidez é o elemento central da comicidade e que o estereótipo seria um dos exemplos desta. Neste caso, ao lermos o trecho enxergamos a profissão e não a pessoa por trás da armadura. Destarte apresenta-se aqui um padrão comportamental da matrona, a qual se tem a impressão que, ao deixar de se envolver com este gladiador, irá em busca de outro.

Logo a forma escolhida por Juvenal para a apresentação de Épia desencadeia uma ligação direta no texto da matrona com os jogos, da fascinação que os gladiadores causam naquela. Esta associação de uma matrona com os espetáculos certamente não era bem vista por setores da sociedade, motivo pelo qual está descrita em um texto satírico, por um autor que, enquanto membro da elite ou estabelecendo relações de clientelismo, representava a visão de mundo deste grupo. Ao mesmo tempo, embora crítico desta prática e descrevendo-a por meio do exagero visando causar o riso em sua audiência, Juvenal aponta para a presença feminina nos jogos.

Outro elemento relevante e que gostaríamos de ressaltar, em segundo lugar, é o fato de que ao descrever o caso de Épia, o autor contrapõe o senador ao amante de baixo estatuto social, ridicularizando um membro da elite que teria sido trocado por um escravo. A esposa, ao invés de cumprir seu papel de seguir o marido, prefere realizar grandes proezas para manter-se ao lado de seu amante. Esta situação torna-se ainda mais cômica se atentarmos ao fato da grande humilhação para o senador perder a sua esposa para um gladiador, esta seria maior ainda ao observarmos os atributos físicos do mesmo. Assim, o senador teria sido não apenas trocado pelo escravo, mas pelo pior dentre estes, ao retirar os elementos distintivos do gladiador, Juvenal o ridiculariza, prática que se estende ao esposo traído. Ao igualar duas personagens de camadas sociais diferenciadas, retira da elite as prerrogativas que, além das posses monetárias obviamente, lhe separavam do restante da população e propõe relações entre pessoas dos mais distintos contextos sociais.

No que concerne às mulheres que lutaram na arena, há poucos registros textuais sobre elas, mas Juvenal nos apresenta considerações importantes para pensarmos sobre o tema, como o trecho analisado a seguir. Nessa mesma sátira Juvenal menciona a presença de mulheres na arena, aquelas que atuaram como gladiadoras (VI - 246-267). Muito embora apresente estes dados em tom de reprovação, seu texto nos faz acreditar que diversas matronas desejavam participar dos jogos. Ao longo do trecho que será analisado em seguida o autor ridiculariza este desejo, apresentado-o não como pertencente a uma personagem em particular, mas como algo intrínseco à personalidade de algumas mulheres. Inicia esse trecho afirmando que era de conhecimento geral que certas mulheres conheceriam todas as regras dos jogos gladiatórios e que teriam a capacidade de desferir inúmeros golpes, os quais eram treinados contra estacas de madeira, (*uel quis non uidit uulnera pali* VI, 247). Estas mulheres, além de vestirem os trajes, se ungiam com os óleos (*femineum ceroma* VI, 246) específicos daquela profissão.

Assim, segue o texto narrando que antes de possuírem este amor pela arena estas matronas eram dignas (*Pectore plus agit uraeque paratur harenae* VI, 251), contudo, agora não teriam mais vergonha de trajar o elmo (*mulier galeata* VI, 252). A vestimenta aparece aqui como elemento relevante para a construção do texto. Ao longo de todo o trecho Juvenal contrapõe as vestes dos gladiadores e, portanto, masculinas que agora elas tomam para si (*mulier galeata, Balteus et manicae et cristae, galeae, positis scaphium cum sumitur armis*) àquelas vestes reconhecidamente femininas deixadas para trás (VI, 259-260 *Hae sunt quae enui sudant in cyclade, quarum / Delicias et panniculus bombycinus urit?*), ridicularizando o fato de serem mulheres que agora portam a cinta ou a armadura de proteção daqueles que se apresentam nas arenas.

Continuando a narrativa acerca das peripécias femininas na arena, visando provocar o riso em sua audiência, Juvenal apresenta os golpes que elas com grande alvoroço desferem comparando-os a pássaros, mais especificamente pica-paus (*As pice quo fremitu monstratos perferat ictus* VI-261), ou seja, contrapondo uma prática que supostamente seria bastante violenta com o vigor de um pequeno pássaro, ridicularizando, assim, os movimentos realizados pelas gladiadoras e afirmando, ao final, que elas realizavam tudo com tão grande habilidade que causariam surpresa ao retirar o elmo e se revelarem mulheres.

Considerando este trecho, um primeiro elemento que podemos citar é a crítica do autor à presença de mulheres em locais e posições que seriam reconhecidamente masculinos, neste caso a busca pelo papel de gladiador. Esta contraposição do autor de elementos femininos com aqueles que não o são, pode ser observada nas transposições entre as cerimônias da deusa Flora e os jogos, posteriormente da vestimenta específica feminina (*cyclade, quarum/ delicias et panniculus bombycinus* VI-259-260) em contraposição as braçadeiras e protetores de perna e elmos utilizados pelos gladiadores.

Assim, o autor constrói o riso ridicularizando a possibilidade de mulheres apresentarem virtudes masculinas como a habilidade para a luta e a coragem necessária para ser gladiador. Percebemos aqui que, por meio do texto de Juvenal podemos observar a resposta mais conservadora no início do século II d.C. a maior proeminência e liberdade alcançadas pelas romanas. Logo, estas novas práticas femininas que não correspondem mais às antigas prescrições e costumes são censuradas por meio da escrita satírica, que busca corrigir a sociedade por meio do riso.

Neste sentido, a aparição de personagens que se relacionam com os jogos de formas distintas como Épia ou as gladiadoras são elementos que apontam para uma maior inserção feminina na sociedade. Se Juvenal se apresenta bastante crítico a todas as mudanças que surgem neste momento na sociedade romana, afirma que as mulheres têm acesso aos jogos, apontados por ele como um local de depravação moral, fazendo que, por meio destes relatos, observemos uma crítica à emancipação feminina.

Finalizamos apontando que uma leitura atenta a sátiras como essa favorece a quebra de uma visão normativa sobre o mundo clássico, uma vez que análises de textos considerados menores, ou pouco confiáveis, quando problematizados de acordo com o seu gênero literário permitem a construção de interpretações diferenciadas pelo historiador. Porém, a escrita satírica ainda é uma forma de expressão proveniente da elite romana e, é por essa razão, que gostaríamos de focar nas lápides funerárias, inscrições feitas de próprio punho ou pagas por gladiadores ou suas amantes. Ao ler essas lápides nossa intenção não é reforçar o discurso de Juvenal, mas indicar a presença de outras formas de discursos sobre a relação de mulheres e os gladiadores, expondo as complexidades dessas relações pouco exploradas pela historiografia.

## **5 Epigrafia anfiteatral: o caso das lápides**

Da mesma forma que buscamos contextualizar a escrita de Juvenal, antes da análise das lápides funerárias, seria interessante tecer algumas palavras acerca do desenvolvimento dos estudos da Epigrafia romana, sua importância e particularidades. Gostaríamos de destacar que desde o século XIX, quando as primeiras escavações arqueológicas com um perfil mais científico foram feitas, os estudiosos do mundo romano perceberam a infinidade de inscrições que atravessava o cotidiano dessa sociedade. Sejam inscrições que captam um momento específico, como as dos *instrumenta domestica*, ou as duradouras como as monumentais que comemoravam os feitos dos grandes políticos romanos, o fato é que a quantidade remanescente chama a atenção dos especialistas devido a sua particularidade discursiva provando debates acerca das diferentes maneiras de interpretá-las.

Alföldy (2003), por exemplo, comenta que, durante o período de Augusto, no início do Principado, há uma explosão epigráfica e, baseando-se no clássico estudo de McMullen (1982), afirma que os romanos desenvolvem uma cultura epigráfica e transformam as inscrições dos mais variados tipos em um meio de comunicação eficaz, difundindo valores simbólicos e atingindo a opinião pública nas mais distintas esferas, diferentemente do que poderia ocorrer com a circulação dos textos eruditos.

Neste contexto, Alföldy defende, em seus variados trabalhos, que as inscrições são imprescindíveis para um maior conhecimento da sociedade e economia romana. No entanto, é preciso ressaltar que não há um consenso entre os estudiosos sobre como definir o que consiste uma inscrição e os meios de abordá-las. López Barja (1987), por exemplo, afirma que, para alguns, uma inscrição pode ser definida como a escrita em uma superfície dura, enquanto para outros o fator de definição da inscrição é a própria escrita em si, sua forma e conteúdo, não a importando o local onde foi cunhada. Esse descompasso entre as duas perspectivas metodológicas geraria aquilo que Funari (1994) definiu como uma encruzilhada dos estudos epigráficos. Para Funari, a principal dificuldade produzida por esse impasse reside no fato de que alguns especialistas publicam a tradução das inscrições, mas não comentam o contexto material em que foram encontradas, criando um fosso entre a cultura material e a Epigrafia. Nesse sentido, epigrafistas acabam desconhecendo os trabalhos de arqueólogos e vice-versa dificultando um diálogo que poderia ser profícuo para ambas áreas de especialização.

Embora essa dificuldade esteja presente no campo da Epigrafia, alguns aspectos são mais consensuais entre os estudiosos. Muitos afirmam que as inscrições variam em quantidade tanto no tempo como no espaço. López Barja (1987), assim como Meyer (1990), afirma que há uma maior ocorrência em áreas urbanas e no período imperial. Além disso, o estudioso espanhol ainda destaca que na parte ocidental do império há uma predominância de inscrições em latim, enquanto que na parte oriental há muitas inscrições em grego. Mesmo diante da variedade de tipos e formas de inscrições, López Barja chama a atenção para o fato de que, quando um estudioso transforma a inscrição em fonte primária para sua investigação acerca do mundo romano, deve considerar suas particularidades como os aspectos legais, religiosos ou urbanísticos que podem vir a expressar. Ao destacar que os dados epigráficos não equivalem a uma realidade objetiva, indica que elas precisam ser interpretadas de acordo com seus limites e potenciais.

Essas considerações são importantes para comentarmos o *corpus* de inscrições que selecionamos. São lápides funerárias feitas por familiares de gladiadores mortos ou feitas pelos próprios gladiadores e dedicadas a seus parentes falecidos, todas do século II d.C., período no qual Juvenal vivera. Há uma série de dificuldades que são encontradas quando se estuda esse tipo de material. Em primeiro lugar é importante destacar que quase nunca estão no contexto original, pois muitas lápides

foram removidas e se tornaram base para a construção de edifícios medievais, por exemplo. Além disso, Sabbatini Tumolesi (1974; 1984) e Hope (1998; 2000a; 2000b) apontaram que essas lápides são raras e em um estado de conservação bastante precário, mas apesar de todos esses percalços, elas nos ajudam a pensar os jogos gladiatórios a partir de diferentes perspectivas, em especial pelo fato de podermos nos aproximar do cotidiano dos gladiadores, de seus amores, vitórias, derrotas, amigos e parentes. Mesmo que, como mencionou Hope (2000a: 97), somente gladiadores profissionais pudessem ser enterrados com ritos próprios (a maioria era enterrada em valas comuns), os epitáfios são discursos específicos que permitem pensar no cotidiano dos gladiadores, retirando-os de um mundo masculinizado e isolado e inserindo-os em redes de relações íntimas e afetivas.

Essas lápides são entendidas aqui como discursos construídos a partir da visão de homens e mulheres que estavam à margem da sociedade romana, mas que quiseram perpetuar suas memórias e redes de sociabilidades. A maioria das lápides era escrita com letras irregulares, indicando a origem humilde daqueles que comemoraram o/a falecido/a, pois ao invés de pagar por serviço profissional, fizeram de próprio punho. Outros, porém, puderam juntar posses e pagar por lápides mais elaboradas, feitas por profissionais. Para essa ocasião, selecionamos cinco epitáfios, todos encontrados em Roma. São eles<sup>2</sup>:

[1]  
*D(iis) M(anibus)*  
*Publiciae Arom=*  
*te(!)*  
*coniugi karissime*  
*fec(it) Albanus eq(ues) vet(eranus)*  
*Lud(i) Mag(ni); vix(it) ann(is)*  
*XXII, men(ibus) V, d(iebus) VIII*  
*In f(ronte) p(edes) III, in ag(ro) p(edes) VIII*  
(CIL, VI, 10167)

Aos Deuses Manes, Publicia Aromtis.  
Albanus, gladiador *eques*, veterano do *Ludus Magnus* fez para sua  
Querida esposa, que viveu vinte e dois anos, cinco meses e oito  
Dias. O túmulo tem o espaço de três a oito pés.

<sup>2</sup> Todos os epitáfios foram retirados do CIL VI, *corpus* de inscrição latina e os comentários baseados em Sabbatini Tumolesi, 1988.

[2]

*D(iis) M(anibus)*  
*Iuliae Proculae*  
*Gaesus murmillo*  
*Veteranus, coniugi*  
*B(ene) m(erenti) f(ecit)*  
(CIL, VI, 10176)

Aos Deuses Manes, Júlia Procula.  
Gaesus, um veterano mirmilhão fez para sua  
esposa, que mereceu.

[3]

*D(iis) M(anibus)*  
*Cornelio Eugeniano*  
*Summa rudi*  
*Et Corneliae Rufinae*  
*Parentibus dulcissimis*  
*Bene merentibus,*  
*Filia fecit*  
(CIL, VI, 10201)

Aos deuses Manes, Cornelio Eugeniano, que ganhou a *summa rudis*  
E Cornelia Rufina,  
Sua filha fez aos doces pais, que mereceram.

[4]

*D(iis) M(anibus)*  
*Mariae Thesidi*  
*P(ublius) Ael(ius) Troadesis*  
*Thraex*  
*Vetranus*  
*Coniugi*  
*Santissim(ae)*  
*Pientissi(mae)*  
*B(ene) m(erenti) f(ecit)*  
(CIL, VI, 10193)

Ao deuses Manes, Maria Thesidis.  
Publius Aelius, um gladiador veterano trácio de Troad  
Fez essa para a mais sagrada e devota esposa,  
Que mereceu.

[5]

*Diis Manibus*  
*M(arci) Ulpi Felicis mirmillionis*  
*Veterani; uixit ann(is) XXXXV*  
*Natione Tunger*  
*Ulpia Syntysche liberta coniugi*  
*Suo dulcissimo, benemerenti*  
*Et Iustus filius fecerunt*  
(CIL, VI, 10177)

Aos deuses Manes, Marcus Ulpi Felix, gladiador veterano mirmilhão,  
Que viveu quarenta e cinco anos.  
Da nação Tunger.  
Ulpia Syntych, uma liberta que, junto com Iustus, o filho dele,  
Fez essa para seu doce esposo, que mereceu.

As cinco lápides mencionadas encontram-se, também, no catálogo elaborado por Sabbatini Tumolesi (1988). A partir dele é possível ver as fotos das lápides, seus tamanhos e proporções e destacar que em todos os casos tratam-se de lápides bem elaboradas, escrita com letras capitais e regulares, o que indica que as pessoas que as fizeram tinham posses e buscaram por serviço profissional.

Se do ponto de vista material todas indicam que as pessoas envolvidas tinham alguma posse, a análise dos epitáfios permite uma série de observações importantes acerca da relação entre gladiadores e mulheres. Em primeiro lugar, é importante destacar que temos aqui três tipos de dizeres distintos: lápides 1, 2 e 4 são de gladiadores que as fizeram em homenagem as suas falecidas companheiras; a lápide 3 é a filha quem dedica aos pais e a 5 é feita pela companheira ao gladiador morto. Estamos, então, diante de distintas situações nas quais as mulheres estão presentes: seja como aquelas que recebem a homenagem, como aquelas que escolhem as palavras para imortalizar a vida do gladiador. No caso das que recebem homenagens, lápides 1, 2 e 4, percebemos poucos dados sobre a vida da falecida, como idade, e palavras carinhosas, além de dados biográficos do marido que dedica. No caso das mulheres que dedicam, lápide 3 uma filha, lápide 5 companheira junto com o filho, a ênfase também está na profissão do homem, todos gladiadores veteranos. Em todos os casos destacados, pouco sabemos sobre as vidas dessas mulheres, sejam as filhas como companheiras, as descrições são breves, mas indicam sua presença no mundo, suas escolhas e sua atuação junto a amigos e parentes.

Se tomarmos como ponto de partida o fato de que esses epitáfios foram pagos, isso explicaria a forma dos dizeres e algumas fórmulas repetidas como *B(ene) m(erenti) f(ecit)* ou mesmo o emprego do termo *coniugi*, que aparece em algumas lápides. Garcia y Bellido (1960) já chamou atenção para o emprego do termo



*coniux* - o qual remete a um sentido que, para além de esposo(a) enfatizaria o companheirismo entre o casal (ERNOUT, 1967)- em lápides de gladiadores na *Hispania*, pois não é comum esse termo para designar esposa entre escravos. No entanto, o que gostaríamos de ressaltar é que os epitáfios formam um discurso particular, de construção de memória. No caso de todas as lápides, a presença feminina é destacada seja como homenageada seja como aquela que escolhe os termos para a homenagem. Esse tipo de discurso, embora também seja idealizado, se difere do elaborado por Juvenal, pois no contexto epigráfico percebemos a exaltação da memória, a valorização daqueles que se foram e dos que prestaram a homenagem. Além disso, no segundo caso é possível perceber as diferentes origens étnicas ou *status* social dos envolvidos, sejam eles escravos, livres ou libertos. Ou seja, se as críticas de Juvenal focam na degradação das mulheres, pois se aproxima das arenas para construir críticas moralizantes, os epitáfios são escolhas das pessoas e buscam expressar, de maneira sintética, aspectos biográficos dos envolvidos e seu lugar no mundo.

Nesse sentido, estamos diante de dois tipos de discursos bastante particulares: o primeiro, literário, escrito de forma erudita, com idéias morais bem desenvolvidas, com críticas ácidas aos membros das elites romanas, já o segundo, é conciso, fragmentado, algumas vezes de difícil leitura, mas que exalta a memória de pessoas queridas. Duas características quase antagônicas, mas quando contrapostas nos permitem pensar a complexidade e as contradições implícitas nas relações humanas durante do século II d. C. Ao aproximarmos desses discursos, tão distintos na sua origem, percebemos como a escrita romana pode nos ajudar a perceber o universo dos combates por diferentes vieses, seja o ácido e satírico, como o amoroso e gentil dos epitáfios. Do nosso ponto de vista, acreditamos que a principal vantagem de contrapor esses dois discursos é a possibilidade de quebrar visões essencialistas e monolíticas sobre os combates e torná-las multidimensionais.

Acreditamos assim que esse tipo de abordagem ajuda a entender as relações entre homens e mulheres nas arenas buscando evitar oposições binárias como 'sensualidade feminina' e 'violência masculina'. Como Gilchrist (1999) já mencionou, a cultura material ajuda a repensar visões naturalizada de papéis masculinos e femininos e, no caso específico, as lápides mencionadas, são suportes que desafiam nossas certezas, pois os gladiadores não são mais guerreiros violentos, mas pais, amantes, homens que dividiam sua vida com amigos e parentes e construíam seu lugar no mundo. Já as mulheres, libertas ou livres, mesmo que com biografias concisas e poucas palavras, são esposas amantes, mães, filhas, poderiam ser lembradas ou responsáveis pela escolha das memórias, mas o importante é que viviam e mantiveram suas redes de relações, independente das críticas literárias. Nas inscrições, tanto os gladiadores como as mulheres, destacam suas qualidades e constroem discursivamente suas formas de identidade de maneira independente

das palavras moralistas de Juvenal, tornando as relações mais complexas e multifacetadas.

### **Considerações finais**

A idéia central dessa reflexão, trabalhar a presença das mulheres nas arenas, surgiu a partir da leitura das *Sátiras* de Juvenal. A princípio, o que mais chamou a nossa atenção foi o fato desse escritor romano dedicar parte de uma de suas maiores sátiras a esse tema e a constatação de que poucos estudiosos modernos se dedicaram a pensar sobre esse aspecto acerca dos combates de gladiadores. Assim, ao revermos boa parte dos discursos sobre a arena, excetuando as pesquisas de alguns estudiosos (BRICEÑO JÁUREGUI, 1986; VESLEY, 1998; MCCULLOUGH, 2008), percebemos um silêncio sobre a presença feminina, embora ouvíssemos os ecos na escrita satírica. Diante dessa situação e do desafio de pensar sobre um tema pouco abordado, buscamos os epitáfios para contrapor aos discursos satíricos, procurando expandir as percepções sobre os combates ao longo do século II d.C.

Ao contrapor esses diferentes discursos, nos deparamos com um *corpus* de documentação singular. Por um lado as sátiras, sempre vistas com desconfiança pela maioria dos historiadores e, por outro, os epitáfios, menos conhecidos e explorados. No entanto, ambos apresentaram um ponto em comum: diferentes discursos que entrecruzavam universos separados pela historiografia moderna. Embora a sátira seja repleta de exageros e as inscrições funerárias concisas, explorando seus limites percebemos a presença de situações ambíguas, mas que ajudam a pensar a arena romana como um espaço multifacetado. Ambos discursos, cada um a seu modo, permitem uma reflexão sobre formas de vidas diferenciadas, pois enquanto Juvenal se preocupa em criticar costumes e apresentar sua visão moral sobre os combates e as mulheres, os epitáfios se constituem em uma busca de um lugar no mundo por parte desses indivíduos infames e das pessoas que fizeram parte de suas vidas. Construindo memórias a partir de suas visões de mundo, mulheres e gladiadores podem ser introduzidos ao discurso acadêmico de uma maneira múltipla a partir de suas diferentes origens étnicas e sociais, indicando as complexidades do passado romano e desconstruindo visões universais sobre o Império. Mais do que isso, ao trabalhar documentos distintos, cada um em seu contexto, é possível focar nas particularidades e evitar modelos interpretativos androcêntricos. Por fim, acreditamos que tratar esses discursos, muitas vezes marginalizados pela historiografia, nos permite perceber presenças esquecidas e entender o universo dos combates de gladiadores não só como espetáculos políticos ou de imposição de poder, mas também como espaços de conflitos, de construção de memória, de afetos e paixões, ou seja, de personagens que de uma forma ou de outra, construíram redes de relações e visões de mundo.

## Agradecimentos

As autoras gostariam de agradecer à Margarida Maria de Carvalho pelo convite para participar dessa obra coletiva, além dos seguintes colegas que muito contribuíram para as reflexões aqui expostas: Ana Paula Vosne Martins, Lourdes Feitosa, Marina Cavicchioli, Pedro Paulo A. Funari, e Richard Hingley. Do ponto de vista institucional, agradecemos ao Departamento de História da UFPR, a CAPES, pela bolsa de pesquisa Reuni/mestrado de Lorena Pantaleão da Silva e a British Academy, pelo apoio financeiro a Renata Senna Garraffoni durante seu estágio de pós-doutorado na Universidade Birmingham (2008-2009). A responsabilidade das ideias expressas aqui recai apenas sobre as autoras.

## Fontes:

JUVENAL. 1921. *Satires*. Les belles lettres. Paris.

## Referências

ALFÖLDY, G. La cultura epigráfica de los romanos: la diffusion de un medio de comunicación y su papel en la integración cultural. In: Remesal, J. et alli (Org.) *Vivir en tierra extraña: emigración e integración cultural en el mundo antiguo: actas de la reunión realizada en Zaragoza 2 y 3 de junio 2003*, Barcelona: Universitat Barcelona, 2003, p. 137-149.

ALMEIDA, L.S. Poder e política nos espetáculos oficiais de Roma Imperial. *Clássica*, n.9/10, 2000, p.132-141.

BARTON, C. A. *The sorrows of the Ancient Roman; the gladiator and the monster*. New Jersey: Princeton University Press, 1993.

BERGSON, H. *O riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRAUND, S. Introduction. In: JUVENAL, *Satires*. Londres: Cambridge University Press, 1996.

BRICEÑO JÁUREGUI, M. *Los gladiadores de Roma: estudio histórico legal y social*, Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1986.

CARCOPINO, J. *Roma no apogeu do Império*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CARDOSO, Zélia. A representação da mulher na poesia latina. In: FUNARI, P. *et alii*. *Amor, Desejo e Poder na Antiguidade*, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

CAVICCHIOLI, M. A posição da mulher na Roma Antiga. Do discurso acadêmico ao Ato Sexual. In: FUNARI, P. *et alii. Amor, Desejo e Poder na Antigüidade*, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

COMTE, G.B. *Latin literature: A history*, Londres: John Hopkins, 1994.

CORASSIN, M.L. 2000. Edifícios de espetáculos em Roma. *Clássica*, n.9/10, p.119-131.

CUBILLOS POBLETE, M. La Mirada juvenaliana: La cocina romana como reflejo de la sociedad. *Instituto de História. Pontificia Universidad Católica de Valparaiso*. Vol. XII, 2004, p. 129-130.

ERNOUT, A; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la Langue Latine*, Paris: Klincksieck, 1967.

FEITOSA, L. C. *Amor e Sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.

FINLEY, M. As mulheres silenciosas de Roma. In: *Aspectos da Antigüidade*. Portugal: Edições 70, 1990.

FRIEDLÄNDER, L. *La sociedad romana – Historia de las costumbres en Roma, desde Augusto hasta los Antoninos*. Madri: Fondo de Cultura Econômica, 1947.

FUNARI, P.P.A. Bretanha romana – Estudos recentes sobre a Arqueologia da Bretanha romana. In: *Revista de História da arte e Arqueologia*, 1994, p. 249-252.

FUNARI, P.P.A. Romanas por elas mesmas, *Cadernos Pagu*, no. 5, 1995, p. 179-200.

FUTREL, A. *Blood in the arena: the spectacle of Roman Power*. Austin: University of Texas Press, 1997.

GARCÍA y BELLIDO, A. Lapidas funerarias de gladiadores de Hispania. In: *Archivo Español de Arqueologia*, 1960, 33: 123-144.

GARRAFFONI, R. S. O conflito no espaço público: a arena romana em discussão. In: *Boletim do CPA*, nº 11, 2001, p. 65-75.

GARRAFFONI, R. S. Poder e espetáculo no início do Principado Romano. In: Guimarães, M.L. et Frighetto, R. (Org.), *Instituições, Poderes e Jurisdições*, Curitiba: Ed. Juruá, p. 107-116.

GARRAFFONI, R.S. *Bandidos e Salteadores na Roma Antiga*. São Paulo: Editora Annablume/FAPESP, 2002.

GARRAFFONI, R.S. *Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas*. São Paulo: Editora Annablume/ FAPESP, 2005.

GILCHRIST, R. *Gender and Archaeology – contesting the past*, Londres: Routledge, 1999.

GOLVIN, J-C. *L'Amphitheatre Romain – Essai sur la théorisation de sa forme et de ses fonctions*. Paris: Publications du Centre Pierre, 1988.

GRAFF, F. Cícero, Plauto e o Riso Romano. In: BREMMER, J; ROODENBURG, H.(Org) *Uma história cultural do humor*.Rio de Janeiro: Record, 2000.

GRIMAL, P. *A vida em Roma na Antigüidade*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1981.

GUNDERSON, E. The ideology of the arena. *Classical Antiquity*, v.15, 1996, p.113-151.

GUNDERSON, E. The ideology of the arena. *Classical Antiquity*, v.15, 1996, p.113-151.

HABINEK, T.N. *Writing, Identity, and Empire in Ancient Rome*, Nova Jersey: Princeton University Press, 1998.

HINGLEY, R. *Globalizing Roman Culture - Unity, diversity and Empire*, Londres: Routledge, 2005.

HOPE, V. Contempt and respect – the treatment of corpse in ancient Rome. In: Hope, V., & Marshall, E. (Org.), *Death and disease in the Ancient city*, Londres: Routledge, 2000a, p. 104-127.

HOPE, V. Fighting for identity: the funerary commemoration of Italian gladiators. In: Cooley, A. (Ed.), *The epigraphic landscape of Roman Italy* Londres: University College of London, 2000bb, p. 93-113.

HOPE, V.M. Negotiating identity and status: the gladiators of Roman Nîmes. In: Berry, J. et Laurence, R. *Cultural Identity in the Roman Empire*, Londres: Routledge, 1998, p. 179-195.

HOPKINS, K. *Death and Renewal – sociological studies in Roman History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LOPES BARJA, P. *Epigrafia Latina*, Santiago: Tórculo Artes Gráficas, 1987.

MACMULLEN, R. The Epigraphic habit in the Roman Empire. In: *Jaap*, 1982, p. 103, ss.

MANCIOLI, D. *Giochi e Spettacoli*. Roma: Edizioni Quasar, 1987.

MCCULLOUGH, A. Female gladiators in Imperial Rome: literary context and historical facts. In: *Classical World*, 101, n. 02, 2008, p. 197-209.

MEYER, E.A. Explaining the Epigraphic habit in the Roman Empire: the evidence of Epitaphs. In: *JRS*, vol. LXXX, 1990, p. 74-96.

MINOIS, G. O riso unificado dos latinos. In: *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003.

MOMMSEN, T. *El mundo de los Cesares*. Madri: Fondo de Cultura Econômica, 1983.

PANTEL, P. A história das mulheres na Antigüidade, hoje. In: PERROT, M. ; DUBY, G. *História das Mulheres no ocidente*. vol. 1. Porto: Afrontamento, 1990.

PARATORE, E. *História da Literatura Latina*, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.

PLASS, P. *The game of death in Ancient Rome – Arena sport and political suicide*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1995.

POTTER, D.S.; MATTINGLY, D.J. (Org.). *Life, death and Entertainment in the Roman*. Michigan: The University of Michigan Press, 1999.

ROBERT, J-N. *Os prazeres de Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SABBATINI TUMOLESI, P.L. *Epigrafia anfiteatrali dell'Occidente Romano I - Roma*, Roma: Edizioni Quasar, 1988.

SABBATINI TUMOLESI, P.L. *A proposito di alcune iscrizioni gladiatorie veronesi*. In: *Atti dell'Istituto Veneto di scienze, lettere ed arti CXXXIII*, 1974, p. 435-448.

SABBATINI TUMOLESI, P.L. *A proposito do CIL, VI, 31917 da Praeneste (?)*. *Bullettino della Commissione Archeologica Comulale di Roma LXXXIX*, 1, 1984, p. 29-34.

SILVA, G. *História Antiga e usos do passado: Um estudo de apropriações da Antiguidade sobre o regime de Vichy(1940-1944)*. São Paulo: Annablume Fapesp, 2007.

VESLEY, M. Gladiatorial training for girls in the Collegia Iuvenum of the Roman Empire. In. *Echos du Monde Classique/Classical Views XLII*, 1998, 17: 85-93.

VEYNE, P. *Bread and circus: Historical Sociology and political pluralism*. Londres: The Penguin Press, 1990.

WEEBER, K.-W. *Panem et circenses: Massenunterhaltung als Politik im antiken Rom*, Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, 1994.

WIEDEMANN, T. *Emperors and Gladiators*. Londres: Routledge, 1995.

WISTRAND, M. Violence and entertainment in Seneca the Younger. *Eranos*, n. 88, 1990, p.31-46.

WISTRAND, M. *Entertainment and violence in ancient Rome – the attitudes of Roman writers of the first century AD*, Sweden, 1992.